

Como citar esse texto: LESSA, R. R.; MENDONÇA, D. C.; DELFINO, R. V.; COSTA, I. C.; GÓMEZ, A. F. Tubi or not tubi: a experiência do estudo de um território educativo em Tubiacanga, Rio de Janeiro. *VÍRUS*, São Carlos, n. 14, 2017. [online] Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus14/?sec=5&item=78&lang=pt>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.

Rafaela Rezende Lessa é estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Daniel Carvalho Mendonça é estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Rodrigo Vieira Delfino é estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Isabella Courel Costa é estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Alain Flandes Gómez é arquiteto e urbanista, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, membro do Grupo Ambiente Educação. Estuda ambientes educativos para crianças, territórios educativos.

Resumo

O Brasil vivencia um momento de espetacularização no contexto político-social, onde os cidadãos perdem, cada vez mais, o poder de decisão nos rumos das cidades e da sociedade em prol de um desenvolvimento econômico excludente. Seguindo esta lógica, os interesses econômicos passam a nortear as políticas públicas, em detrimento do bem-estar da população, permeando em esferas de ação como a educativa e o currículo escolar, onde as disciplinas que não estão diretamente ligadas aos setores produtivos tem sua carga horária reduzida.

Neste processo se criam novos fragmentos do tecido urbano equipados com infraestrutura de acordo com os interesses mercadológicos enquanto grande parte da cidade segue negligenciada pelo Estado, levando ao cidadão à perda gradativa do seu papel como ator que continuamente tece a cidade. Diante disso, entidades e movimentos ligados ao pensamento urbano se organizam para debater o direito à cidade e novas formas de participação. Mas nem sempre, o debate inclui a participação da população jovem, especialmente das crianças, que continuam sendo encaradas como futuras cidadãs e não cidadãs plenas e capazes de atuar ativamente nessa costura.

Portanto, a ideia da cidade continuamente sendo tecida a muitas mãos possibilita a inserção do universo infantil neste processo. As crianças, através da assimilação de conhecimentos, atitudes e valores observando o que há à sua volta e imitando-os, não estão simplesmente internalizando a sociedade e a cultura, mas estão contribuindo para a produção cultural e a mudança (CORSARO, 2003) sendo co-construtoras e transformadoras das realidades sociais ao vivenciar e perceber o território.

É nesse contexto que a disciplina Projeto Arquitetônico III (PAIII) da FAU-UFRJ, ministrada pela Professora Doutora Vera Regina Tângari, envolve a elaboração de estudos e projetos de uma unidade de escola municipal de ensino fundamental na Ilha do Governador no Rio de Janeiro. Dentro da disciplina, através dos conceitos de *território educativo* e *educação integral*¹, são abordados os temas do papel da criança na construção de uma cidade/sociedade mais igualitária, sem distinção de cor, gênero, idade e classe social. Essa construção abraça a criança como um agente de transformação da sua própria realidade e se apoia, também, nos conhecimentos técnicos e teóricos da universidade.

O trabalho então, busca aqui, compor também uma nova parte dessa trama. Mapeando graficamente a experiência de quatro alunos envolvidos nessa atividade, em momentos de contato com a comunidade que surgiram a partir da análise crítica do lugar. Dentro desse cenário, os estudantes viram agulhas e simultaneamente partes do tecido, perfurados pelos atravessamentos.

Apresentação

Desde 2015, a disciplina PAIII passou a trabalhar com o tema dos *territórios educativos*, a proposta se alinha com pesquisas recentes² sobre o entendimento e o significado de extrapolar para a cidade os serviços, as atividades e as práticas sociais vinculadas ao processo pedagógico. Desta forma, os alunos de graduação participam no processo de analisar e projetar as qualidades de um lugar para que as crianças possam se desenvolver plenamente e ir construindo sua identidade.

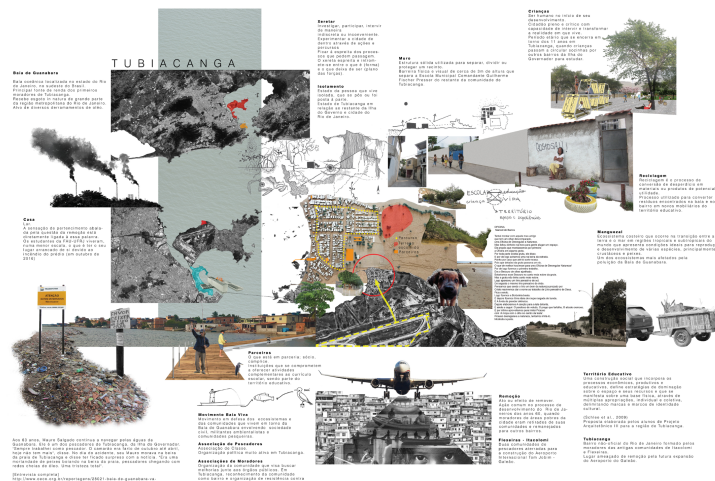
Enquadrada dentro da grade curricular obrigatória do curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU/UFRJ, a disciplina se desenvolve fora dos lineamentos dos projetos de extensão ativos na estrutura da universidade. Baseia-se nas três premissas básicas da construção social do conhecimento: o entendimento da educação como forma de intervenção no mundo, como prática inteligente, construtiva e realizadora da vontade humana; a percepção da ciência como uma interpretação e uma reconstrução do mundo no qual estamos imersos; e o conhecimento como uma tradução individual e coletiva construída a partir da interação pessoa-ambiente (RHEINGANTZ, 2009).

Para conseguir atingir os objetivos prévios, durante o período letivo 2016.2, o lugar abordado para o estudo foi Tubiacanga, um bairro não-oficial próximo ao Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro-Galeão, caracterizado pela pouca interação com o resto da cidade. A prefeitura, responsável de dotar de serviços todos os bairros do território do Rio de Janeiro negligencia a comunidade ao não reconhecê-la. Em vista disso, a comunidade conta com apenas um equipamento público, uma escola de ensino fundamental de primeiro segmento, e com uma mobilidade urbana precária. Isto isola seus moradores e dificulta tentativas de articulação com os outros bairros da Ilha do Governador e do Rio de Janeiro.

Os moradores não se estabeleceram na região por vontade própria, já que ela é fruto da remoção de comunidades de pescadores destruídas nas várias fases de construção do aeroporto. Ao serem realocados em uma nova área, começaram o tecer de um novo bairro, único, formado por famílias vindas de lugares diferentes. Este passado, marcado pelo isolamento e a incerteza de uma nova remoção em uma futura expansão do aeroporto, impulsiona a organização política dos moradores e torna o estudo da implementação de um *território educativo* de grande importância tanto para comunidade como para a universidade.

Durante o desenvolvimento da disciplina, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo passou por uma situação que dificultou o calendário acadêmico: o incêndio que afetou as instalações do Edifício Jorge Machado Moreira (JMM). Assim, o processo ocorreu de maneira a cumprir com os novos calendários e prazos estabelecidos, mesmo que, por essa questão de um período mais curto, diminuíssem as possibilidades de troca com a comunidade de Tubiacanga. O maior contato foi feito, portanto, com um dos representantes mais ativos da área, Sérgio Ricardo, que trabalha estreitamente com diversas instâncias da FAU / UFRJ para o desenvolvimento do Plano Popular urbanístico-ambiental das ilhas do Fundão e do Governador no Rio de Janeiro, e participante ativo do Movimento Baía Viva em defesa dos ecossistemas e das comunidades que vivem em torno da Baía de Guanabara, envolvendo sociedade civil, militantes ambientalistas e comunidade pesqueiras.

Contemplando os limites de processo, pode-se considerar esta experiência não como um projeto participativo integral, mas sim como uma tentativa de inovação dentro dos métodos de uma disciplina regular de graduação. Disciplina esta que pretende adotar premissas de uma prática aberta e participativa, fundamentada em ações que incorporam as intenções dos diferentes sujeitos. Estimulados a construir a sua autonomia, estudantes, professores e comunidade, geram questionamentos e constroem soluções alternativas para um mesmo tipo de problema, ampliando sua capacidade de aprender e interferindo dialeticamente no conhecimento.



A experiência: mapear o processo

Ao ser apresentada, a disciplina de Projeto Arquitetônico III (PAIII) já se mostrava diferente das que havíamos cursado até então na faculdade e diferente da forma que era abordada com outros professores. Não era uma disciplina de terreno e tampouco projetaríamos uma escola como produto final. Devido a limitações metodológicas, a proposta, não era exatamente a de um projeto participativo, onde as decisões são tomadas junto da comunidade, porém avaliaríamos mais profundamente as demandas reais dos moradores. As diversas visitas, dentro e fora do horário de aula, permitiriam o contato da equipe com o lugar e com suas problemáticas/qualidades para que ao final do período pudéssemos apresentar em Tubiacanga os trabalhos finalizados.

De forma a nos familiarizarmos ao debate sobre educação e ambiente educacional, realizamos exercícios em que apresentamos ao restante da turma, como eram as escolas que estudamos, a partir da nossa memória, e a escola dos nossos sonhos, a partir de

um *poema dos desejos* contendo dez versos e intenções. Nessa dinâmica surgiram algumas das questões que mais tarde voltariam ao debate: como as escolas se relacionam com o entorno em que estão inseridos de uma maneira não-agressiva; e como integrar o exterior e a brincadeira como parte do aprendizado.

Enquanto as outras turmas de PAIII decidiram escolher bairros consolidados do Rio de Janeiro para trabalhar, fomos apresentados pela Profa. Dra. Vera Tângari ao bairro não-oficial de Tubiacanga, na Ilha do Governador, que já vinha nos outros períodos da disciplina realizando levantamentos na Ilha em parceria com entidades civis do bairro e outros grupos de pesquisa da universidade. Descobrimos que era uma região muito sensível, fruto de uma antiga remoção de comunidades para a construção das pistas do Aeroporto do Galeão, e que ainda conviviam com esse medo devido a uma futura expansão do mesmo.

Nosso primeiro contato com a temática aplicada ao território proposto foi através da análise do lugar. Buscando levantar informações históricas, de conforto térmico, ambiental, acústico (bastante influenciado pelo transporte aéreo), características da vegetação existente, de suas edificações, e de seus usos a fim de entender os caminhos já consolidados, e detectar possíveis parceiros que ajudariam a tecer a rede do *território educativo*.

Caminhar pelas ruas do bairro, sentir as condições ambientais e perceber o lugar trouxe à turma as primeiras diretrizes de projeto. Foi percebido, por exemplo, como a belíssima vista da Baía de Guanabara (sendo uns dos maiores potenciais projetuais da área) está sendo diretamente afetada pelo alto índice de poluição e a grande concentração de lixo. Em paralelo, é evidente a privatização do espaço público da orla pela construção de moradia, processo que acaba barrando ainda mais a conexão direta com a baía. Essa ocupação considerada informal, remete a ocupação que encontramos em favelas. Ambos são espaços que a ação pública é extremamente reduzida e por isso acabam por existir inúmeras irregularidades urbanísticas, construtivas e de propriedade (ABRAMO, 2007). Os decretos, a legislação geral sobre construção urbana, não se aplicam nesses ambientes devido a um condicionamento de investimentos públicos para áreas específicas e mais consolidadas.

Na seguinte visita a campo, conhecemos em detalhe a Escola Municipal Comandante Guilherme Fisher Presser, o único equipamento educativo de Tubiacanga. A visita não visava o aprendizado arquitetônico formal, o projeto da escola não era referência projetual, mas sim o contato com as crianças da comunidade, que seria o nosso público-alvo, e aconteceu principalmente nesse momento. Esse contato foi de extrema importância porque nos revelou um público diferente do imaginado. As crianças da comunidade eram como todas as outras crianças da era globalizada, gostam de acompanhar canais no *youtube* e não mais de se jogar às brincadeiras de rua. Surgindo uma nova questão: como trabalhar um percurso interessante o suficiente ao ponto de atrair essas crianças em um retorno à apropriação do seu lugar, nas ruas do seu bairro? Não sendo uma tarefa simples, pensamos no apoio dos parceiros e moradores da comunidade como elementos essenciais para conseguir trabalhar de uma maneira mais sensível o contato da criança com o espaço extra-muros. Gradualmente, elas conheceriam os pontos de aprendizado fora do ambiente específico da escola caminhando com seus professores por todo o percurso desenhado. Com essa liberdade assistida, possibilita-se o amadurecimento da criança, sabendo que ela faz parte da cidade como qualquer outro podendo, desta forma, intervir nela.

Apesar da disciplina não considerar um único lote, devido a adoção da temática do *território educativo*, era necessário que escolhêssemos um terreno para implantar a nova escola definindo em seguida os parceiros externos aos limites definidos. A escolha foi feita em conjunto pela turma, que preferiu adotar uma área livre e extensa, próxima à Baía de Guanabara, que poderia comportar o percurso a ser projetado para os parceiros no território.

Outro diferencial da matéria é o fato das adequações do programa básico da disciplina, feitas a partir das percepções sobre Tubiacanga, vinham dos próprios estudantes (individualmente e coletivamente, sempre fomentando-se o debate em sala de aula). O que a princípio causou um estranhamento, posteriormente mostrou que temos capacidade para criticar e aprender através dos projetos executados pelos outros grupos. Foi assim que decidimos quais seriam as propostas de implantação, concebidas através de um poema de desejos, palavra conceito e pedagogia (escola parque, nova, montessoriana e freiriana), seriam desenvolvidas e detalhadas. Além das tarefas correspondentes a cada grupo de trabalho, um grupo que possuía quatro integrantes, maior que os demais, ficou responsável pelos detalhamentos do percurso escolhido e seus espaços livres: um novo atracadouro, demanda dos próprios moradores; travessias elevadas e ruas compartilhadas de forma a garantir acessibilidade universal; e duas novas praças que resgatasse o contato da comunidade com o mangue³ e com o mar.

Arremate

Ao fim do período, tivemos a oportunidade de apresentar o resultado dos trabalhos da turma para a comunidade e organizações civis locais. Pudemos notar a alegria deles ao ver um projeto sensível de escola, satisfação que também estava diretamente ligada ao fato de que algo que nunca ocorrera tenha se consolidado. Alguém (a Academia) estava pensando no bairro deles, se abrindo ao diálogo, ouvindo propostas. Em relação à nossa experiência, poder contribuir com as nossas ferramentas, com a luta e resistência da comunidade no seu território ao desenvolver propostas que podem ser utilizadas para pressionar a prefeitura, demonstra o potencial empoderador da arquitetura e do papel dos alunos nos processos que criam e modificam os tecidos urbanos.

Com essa experiência, fomos capazes de entender que as disciplinas dentro da universidade podem trabalhar com demandas mais reais. É costume da faculdade imaginar um público, um lugar e suas demandas durante o curso e isso vinda os olhos do corpo acadêmico para a sua maior potencialidade, que é a troca com a sociedade. Vimos também que não possuir um terreno predefinido — como acontece em várias disciplinas — forçou a turma a ficar mais atenta em relação ao entorno daquilo que seria edificado e suas articulações com o tecido urbano já existente. Afinal, queríamos possibilitar uma nova relação de Tubiacanga com o resto da cidade, na qual ela seria finalmente vista.

Créditos

Graduandos participantes da disciplina de Projeto de Arquitetura III - agulhas e parte do tecido perfurado que tecemos juntos no período de 2016.2 - da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU/ UFRJ):

Gabrielle de Almeida Maia da Silva

Leticia Martins do Valle

Luíza Aimée de Souza dos Santos

Marcela Melo da Silva Andrade

Ricardo Magno Silvestre Corrêa

Talita da Silva Pomodoro Duarte

Victória Helena Michelinini Junqueira

Parceiros locais:

Sérgio Ricardo Verde (Movimento Baía Viva)

Alex Sandro Farias dos Santos (Presidente da Associação de Pescadores Livres de Tubiacanga)

Escola Municipal Comandante Guilherme Fischer Presser

Clube Flexeiras Atlético

Professora responsável:

Professora Doutora Vera Regina Tângari

Apoio :

Arquiteta e urbanista Mariana Valicente Moreira

Arquiteta paisagista Flora Olmos Fernandez

Referências

ABRAMO, P. A cidade COM-FUSA: A mão inoxidável do mercado e a produção da estrutura urbana nas grandes metrópoles latino-americanas. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais** (RBEUR), v. 9, n. 2. 2007. Disponível em <<http://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/181>>. Acesso em 7 mai. 2017.

CORSARO, W. **We're friends right? Inside kids' culture**. Washington D.C., Joseph Henry Press, 2003.

RHEINGANTZ, P. A. **Apostila da disciplina de Projeto de Arquitetura 3**. Rio de Janeiro: FAU-UFRJ, 2009.

Bibliografia sugerida

AZEVEDO, G.; TÂNGARI, V.; FARIA, A. B. G. Do espaço escolar ao território educativo: um olhar ampliado sobre o lugar pedagógico da educação integral. In: RHEINGANTZ, P. A.; PEDRO, R.; SZAPIRO, A. M. (Org.). **Qualidade do lugar e cultura contemporânea: modos de ser e habitar as cidades**. Rio de Janeiro: Meridional, 2016. p. 344-368.

FARIA, A. B. G. **Territórios educativos para a educação integral: a reinvenção pedagógica dos espaços e tempos da escola e da cidade**. Brasília: [s.n.], 2010.

GADOTTI, M. **História das Idéias Pedagógicas**. 5a ed. São Paulo: Ática, 1997.

GADOTTI, M.; PADILHA, P. R.; CABEZUDO, A. (Org.). **Cidade Educadora**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

GALDO, R. **Ampliação do Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro-Galeão**: estudo prevê retirada de comunidades para aberturas de pistas. [online] Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/ampliacao-do-galeao-devera-mudar-entorno-do-aeroporto-9698776>>. Acesso em: 14 Mar. 2017.

HECKERT, A. L. C. Xeretar. In: FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. (Org.). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

LIMA, M. S. **Arquitetura e Educação**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

ORTIZ, F. **Baía de Guanabara: vazamento da Petrobras completa 14 anos**. [online] Disponível em: <<http://www.oeco.org.br/reportagens/28021-baia-de-guanabara-vazamento-da-petrobras-completa-14-anos/>>. Acesso em: 14 Mar. 2017.

RODRIGUEZ, L. C. **Um coração suburbano**: Itacolomi, o bairro que sumiu do mapa. [online] Disponível em: <<http://suburbiosdorio.blogspot.com.br/2011/12/itacolomi-o-bairro-que-sumiu-do-mapa.html>>. Acesso em: 14 Mar. 2017.

SANOFF, H. **Creating Environments for Young Children**. Raleigh: School of Design North Carolina State University, 1995.

SCHLEE, M. B.; NUNES, M. J.; REGO, A. Q.; RHEINGANTZ, P. A.; DÍAS, M. A.; TÂNGARI, V. R. Sistema de espaços livres nas cidades brasileiras—um debate conceitual. **Paisagem e Ambiente**, n. 26, 2009. p. 225-247.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

¹Os conceitos de *território educativo* e *educação integral* entrelaçam-se na busca de reverter os efeitos de uma Escola ao longo dos anos isolada, afastada e fechada às outras instâncias sociais. Todavia, na formulação de uma *educação integral*, a Escola sozinha não dará conta de cumprir essa renovada função social, dado que se faz necessário transcender a sistematização do conhecimento universal. Para tanto, o *território educativo* amplia o diálogo com as outras esferas da sociedade, podendo oferecer espaços de interação e de aprendizagem, saberes diferenciados que contribuirão aos seus educandos uma formação mais ampla.

²Do espaço escolar ao território educativo: o lugar da arquitetura na conversa da escola de educação integral com a cidade, integra a abordagem conceitual e metodológica dos grupos de pesquisa Ambiente-Educação (GAE), Qualidade do Lugar e da Paisagem (ProLUGAR) e Sistema de Espaços Livres no Rio de Janeiro (SEL-RJ), vinculados ao PROARQ-FAU/UFRJ.

³Mangue ou manguezal é um ecossistema costeiro de transição entre os ambientes terrestre e marinho. Imagem em formato GIF explicativa disponível em: <<https://media.giphy.com/media/26ybvUtoLhJJ8pxni/source.gif>>. Acesso em 14 de março 2017.